

Ministério da Cultura apresenta

NO REINO de ARAUCARILÂNDIA

José Álvaro da Silva Carneiro



Depósito legal junto à Biblioteca Nacional, conforme Lei nº 10.994 de 14 de dezembro de 2004.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Bibliotecária responsável: Luzia Glinski Kintopp – CRB/9 - 1535
Curitiba - PR

C289 Carneiro, José Álvaro da Silva
No reino da Araucariândia / José Álvaro da Silva Carneiro;
ilustração de Carla Irusta ... [et al.]. —
Curitiba : Edição do Autor, 2016.
60 p. : il. ; 25 cm.

ISBN 978-85-916972-2-9

I. Literatura infanto-juvenil brasileira. I. Carneiro,
Diana. II. Brettas, Eduardo. III. Zagonel, Fátima. IV.
Valério, Isaurina Maria (SARIKA). V. Título.

CDD: B869.8

IMPRESSO NO BRASIL / PRINTED IN BRASIL



Ministério da Cultura apresenta

NO REINO de ARAUCARILÂNDIA

José Álvaro da Silva Carneiro

2ª reimpressão

Curitiba, 2025



Inspirada por amigos – reais e imaginários – esta história é como um despertar. Um pequeno movimento em busca da valorização dos seres que nos rodeiam. Entre pinheiros, grilos e jabutis, a Menina Fada das Araucárias e o Menino Vespa são os personagens que nos pegam pela mão para mostrar a importância de nossa floresta de araucárias. A semente desse projeto seguiu a forma de pensar dos meus amigos pequeninos (apenas em tamanho): mesclar o real com o imaginário.

Saindo das páginas deste livro, o projeto alcançou as crianças e os adolescentes do Hospital Pequeno Príncipe. E, para eles, trouxe não apenas mais conhecimento da natureza que nos rodeia, mas também oficinas de pintura botânica, o que fez do hospital um lugar para sonhar.

De mãos dadas com nossos personagens, desejo que essa semente floresça para além do Reino de Araucarilândia.

José Álvaro da Silva Carneiro



É noite no bosque de pinheiros. Enquanto as árvores, flores, insetos e a maioria dos bichos estão dormindo, dois seres acabam de acordar. São os defensores dessa mata, a Menina Fada das Araucárias e o Menino Vespa. Eles vivem em Araucarilândia, o reino dos pinheiros e dos pinhões. O Paraná faz parte desse reino, e Curitiba é a sua capital.

Os defensores da mata contam que, nesse reino, a paisagem mudou. As florestas foram desmatadas e no seu lugar foram construídas fazendas, estradas e cidades. Como as árvores foram cortadas, muitos animais ficaram sem casa.

Mas nem sempre foi assim. Antes, todo o Reino de Araucarilândia era uma grande floresta, com milhares de seres vivendo livremente.



Hoje, nas áreas verdes que sobraram, ainda há árvores e animais que todos nós podemos proteger.

Para ajudar nessa missão, o Menino Vespa e a Menina Fada das Araucárias – conhecedores de cada cantinho verde do bosque dos pinheiros – vão nos levar a um passeio para conhecer a grande família de seres vivos de Araucarilândia.

Amanheceu e a nossa viagem está a ponto de começar! Precisamos levar nossos óculos mágicos. Quem coloca esses óculos e escuta esta história recebe uma missão: colorir plantas, flores, bichos e paisagens do Reino de Araucarilândia, além de conhecer e cuidar de suas florestas e animais silvestres. Qualquer criança pode ser uma defensora das matas e de todos os seres que precisam das florestas para sobreviver!

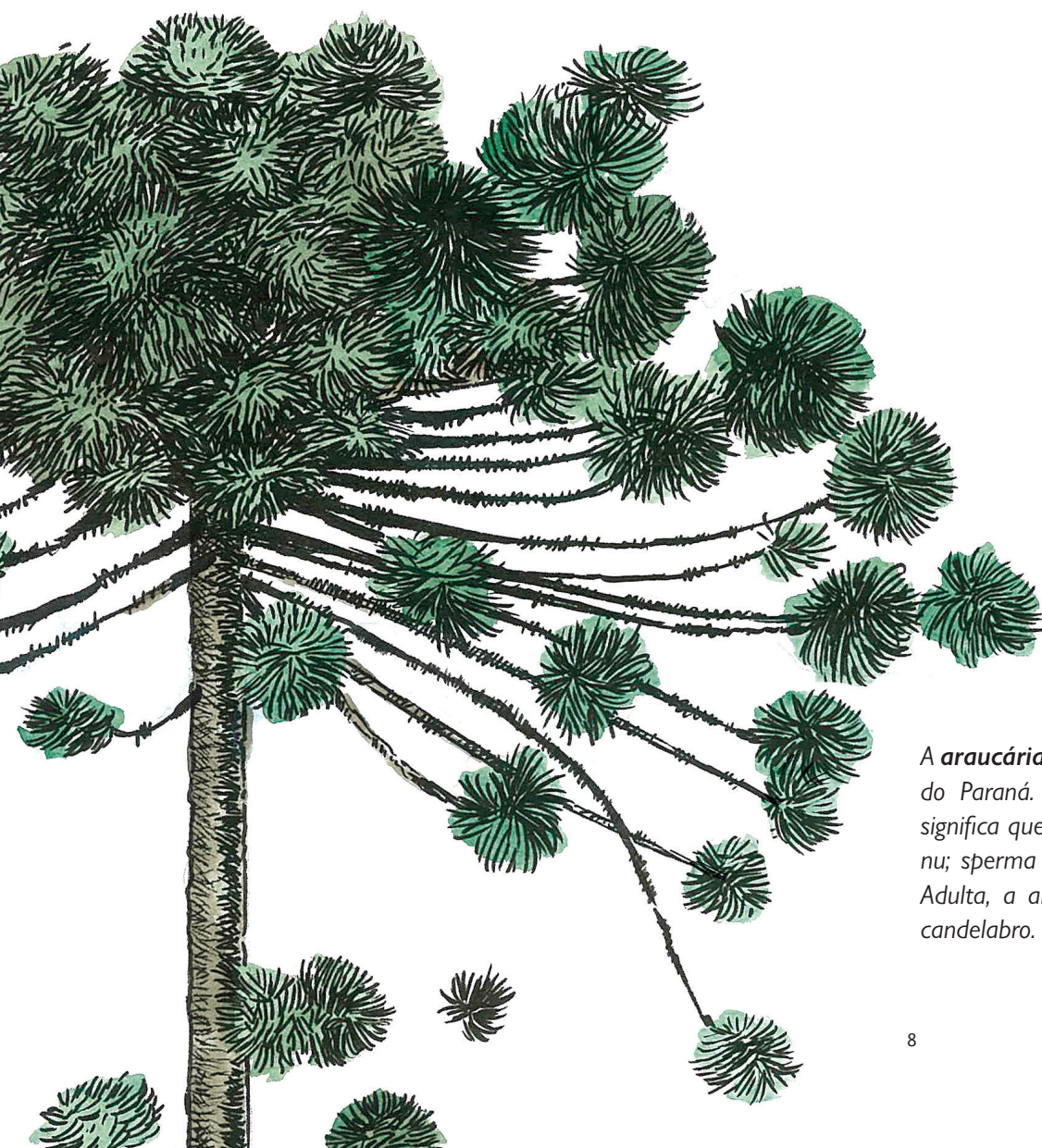
– Todo mundo com seus óculos? Vamos lá!



Começamos a viagem por Curitiba. Lá, existem lugares muito especiais, como o Hospital Pequeno Príncipe, que recebe as crianças de Araucariândia e de outros reinos. Elas estão lá para cuidar da saúde.

Em frente ao hospital, temos um belo jardim onde encontramos o rei da nossa floresta: o pinheiro-do-paraná ou araucária. E podemos ver logo dois!

– Uma araucária! Vejam como ela é grande! – disse a Menina Fada.



A **araucária** (*Araucaria angustifolia*) é a árvore símbolo do Paraná. Ela é uma conífera gimnosperma. Isso significa que suas sementes são aparentes (gymnos = nu; sperma = semente) e têm a forma de um cone. Adulta, a araucária tem a forma semelhante a um candelabro.





A Menina Fada, que sabe muito sobre pinheiros, conta que o fruto da araucária é a pinha, e dentro dela está cheio de pinhões. As crianças e os bichos da floresta adoram comer pinhão. O Menino Vespa lembrou que ele também adora comer isso!

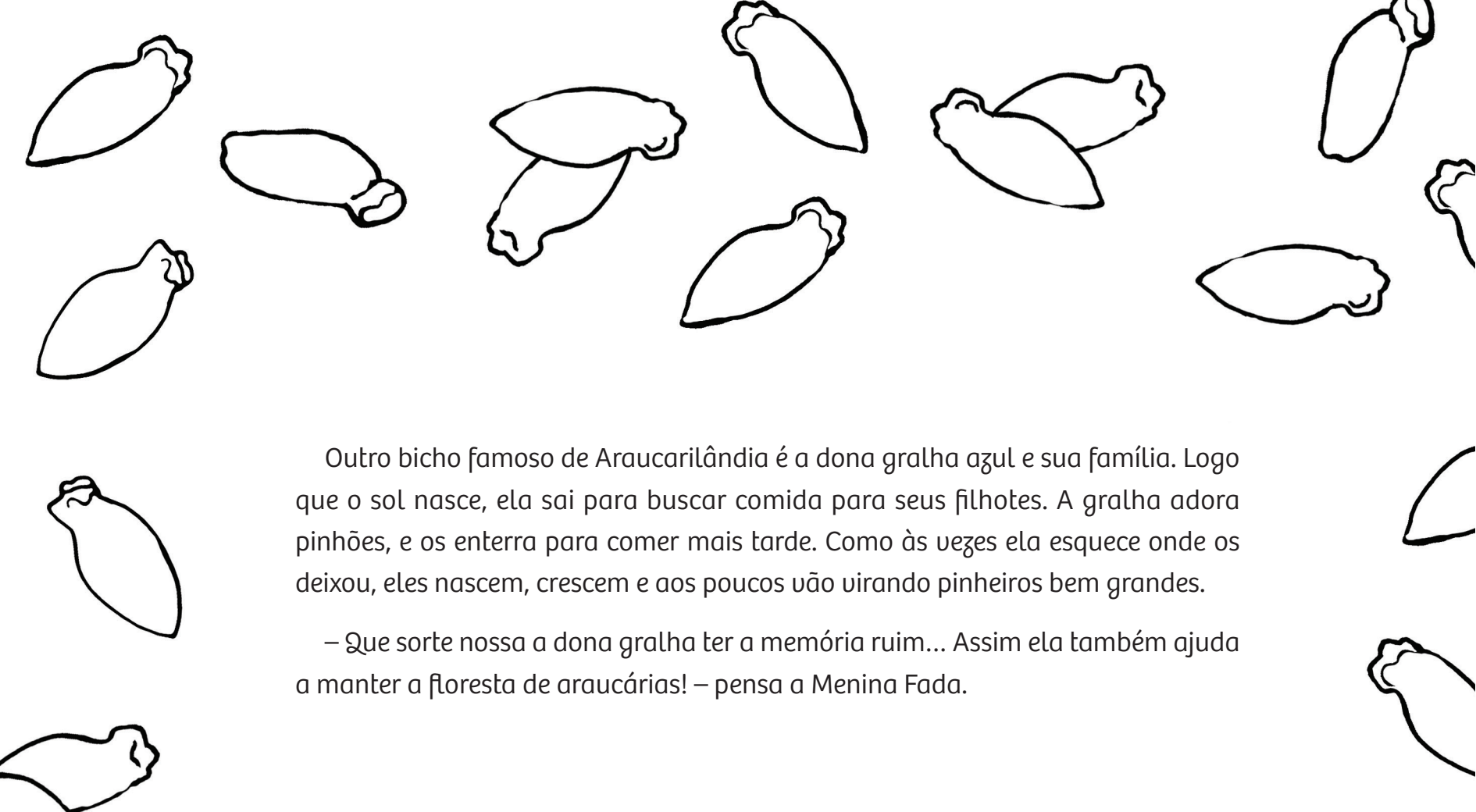
Na copa dos pinheiros, tem mais do que pinhas: nos galhos, chamados de grimpas, vive o pássaro símbolo de Curitiba, o grimppeiro. Como as matas de araucárias diminuíram muito, ele foi ficando sem casa, e hoje pouquíssimos deles voam por aí.

– Menino Vespa, você viu o topete do grimppeiro? – perguntou a Menina Fada, que gosta muito de penas e plumagens.



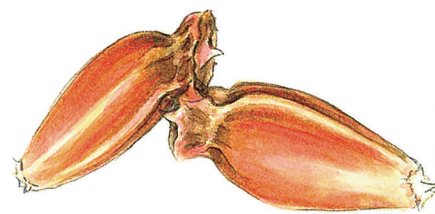
O **grimppeiro** (*Leptasthenura setaria*) é a ave símbolo de Curitiba. Também conhecido como rabo-de-espinho-da-araucária, o grimppeiro é fácil de ser visto onde há um pinheiro do Paraná. Mais fácil seria se esta espécie não estivesse ameaçada de extinção.





Outro bicho famoso de Araucarilândia é a dona gralha azul e sua família. Logo que o sol nasce, ela sai para buscar comida para seus filhotes. A gralha adora pinhões, e os enterra para comer mais tarde. Como às vezes ela esquece onde os deixou, eles nascem, crescem e aos poucos vão virando pinheiros bem grandes.

– Que sorte nossa a dona gralha ter a memória ruim... Assim ela também ajuda a manter a floresta de araucárias! – pensa a Menina Fada.



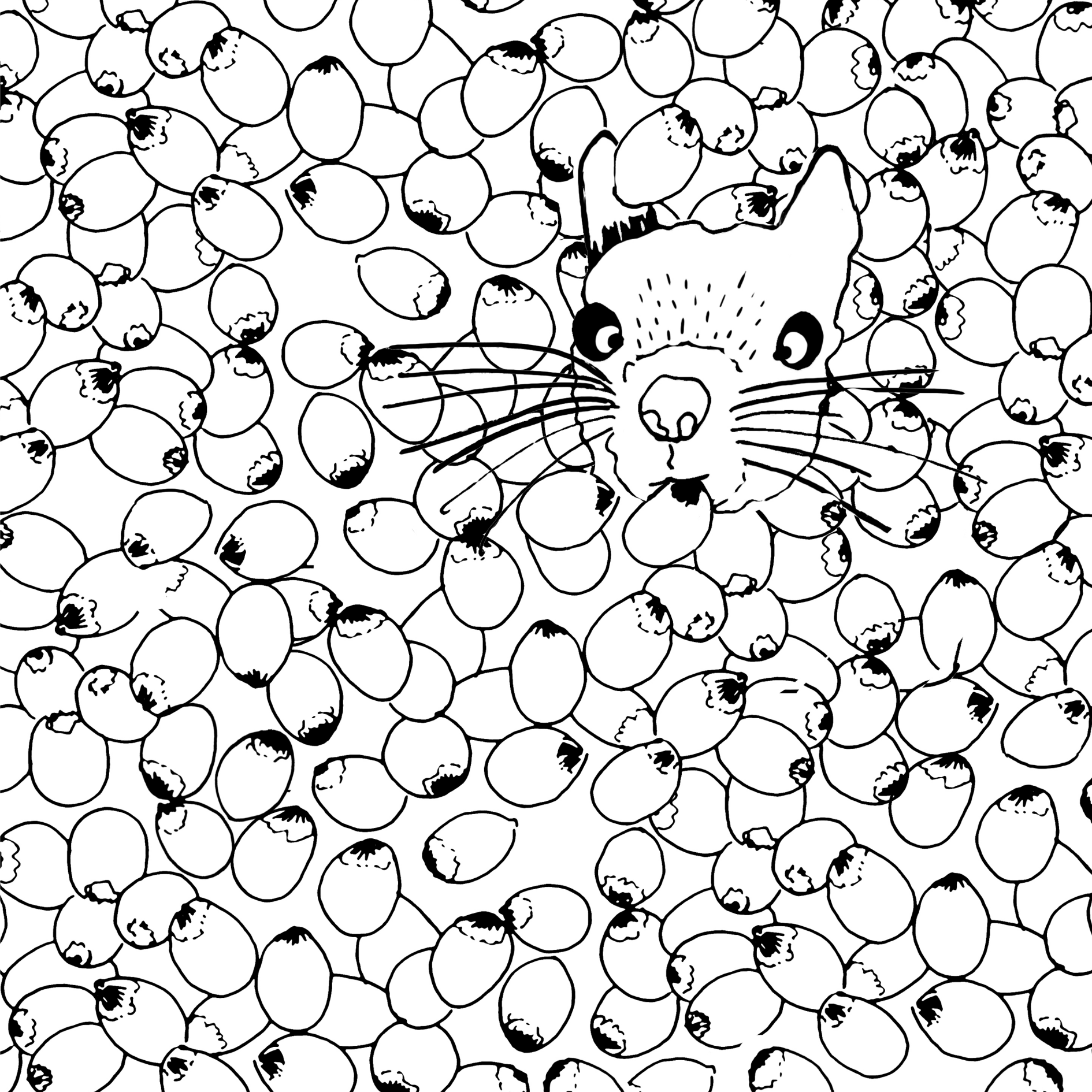
A **galha-azul** (*Cyanocorax caeruleus*) é uma ave da mesma família dos corvos e dos gaios. Com aproximadamente 40 cm de comprimento, tem coloração geral azul vivo e preta na cabeça, pescoço e peito. Junto com a cutia (*Dasyprocta azarae*), tem papel significativo na disseminação da araucária, pois enterra os pinhões durante o outono para se alimentar depois.





O **jerivá** (*Syagrus romanzoffiana*) é uma palmeira nativa da Mata Atlântica, também conhecida por coqueiro-jerivá, coquinho-de-cachorro ou jurubá. Tem doces frutos amarelos e seu tronco, solitário, chega a atingir de 6 a 15 metros de altura.

Esta é uma palmeira jerivá. Temos diversas delas nos jardins do Pequeno Príncipe. Ela dá uma fruta amarela, carnosa e muito apreciada por alguns animais, como papagaios, maritacas e esquilos caxinguelê. Seu fruto chama-se jerivá ou coquinho. É uma delícia!



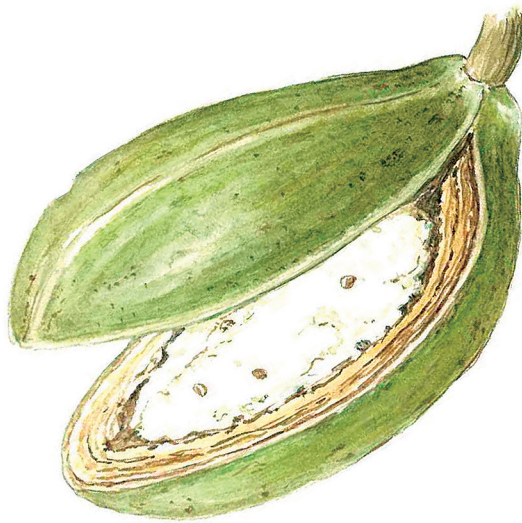
A próxima parada, bem pertinho do hospital, é a Praça 29 de Março. Vamos até lá para ver as corticeiras, que dão lindas flores vermelhas e rosas.

A nossa amiga corticeira é uma árvore da família das leguminosas e pode alcançar de 6 a 10 metros de altura – diz o Menino Vespa.

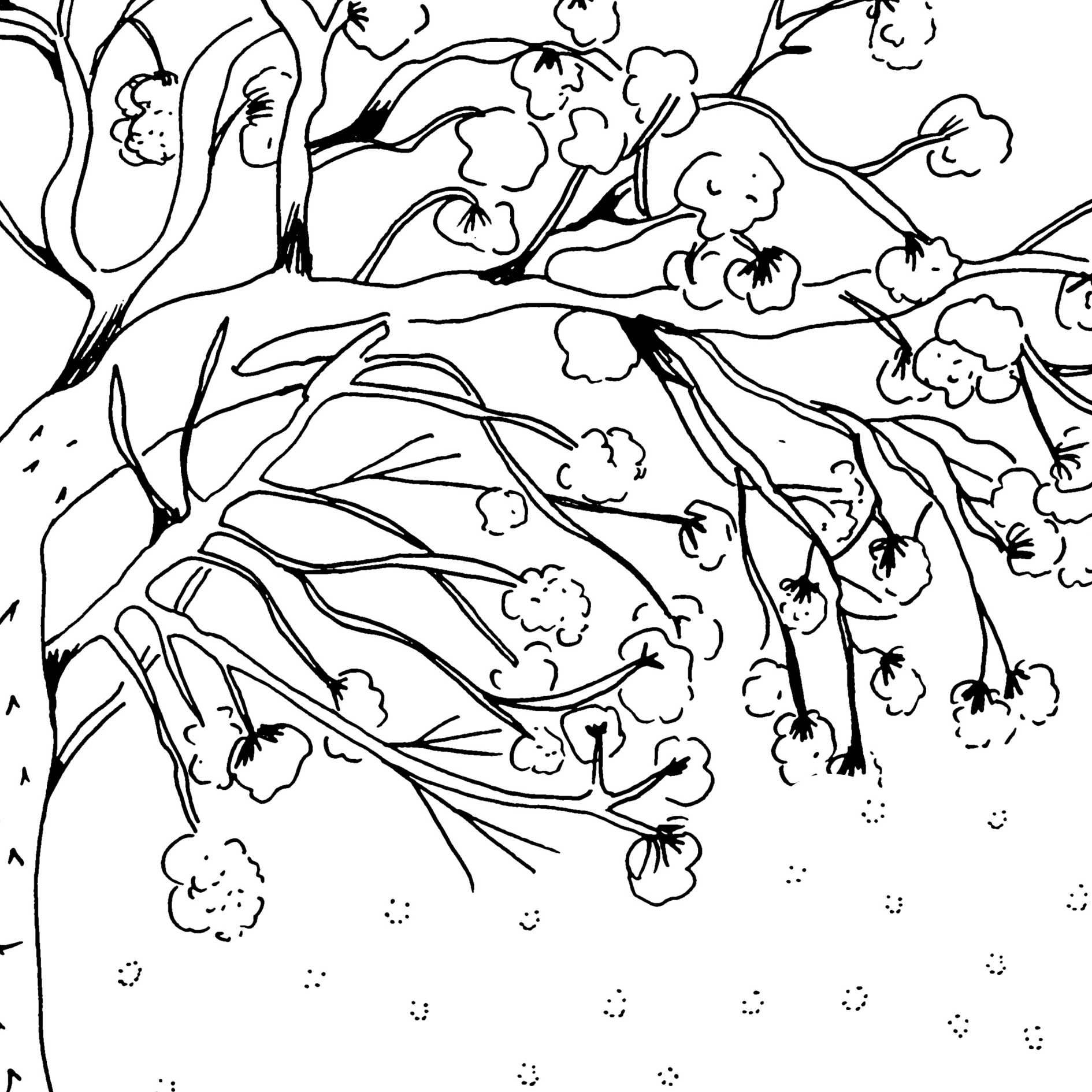
Outra árvore que podemos ver nessa parada é a paineira. A fruta da paineira chama-se paina. Quando madura, abre-se e deixa cair as sementes, que estão embrulhadas em um tipo de algodão.

– É lindo de ver as sementes caindo! – exclama a menina.

– Nossos bisavôs usavam esse material para preencher os travesseiros e deixá-los bem fofinhos. No inverno, todas as folhas das paineiras caem e ela fica pelada: mas não tem problema, quando chega a primavera, as folhas brotam bem verdinhas – diz o Menino Vespa.



A **paineira** (*Ceiba speciosa*) é nativa das florestas brasileiras e da Bolívia. É uma árvore que pode chegar a 30 metros de altura, e suas folhas costumam cair na época da floração. As flores são grandes, com cinco pétalas rosadas que trazem, em geral, pintas vermelhas e bordas brancas.





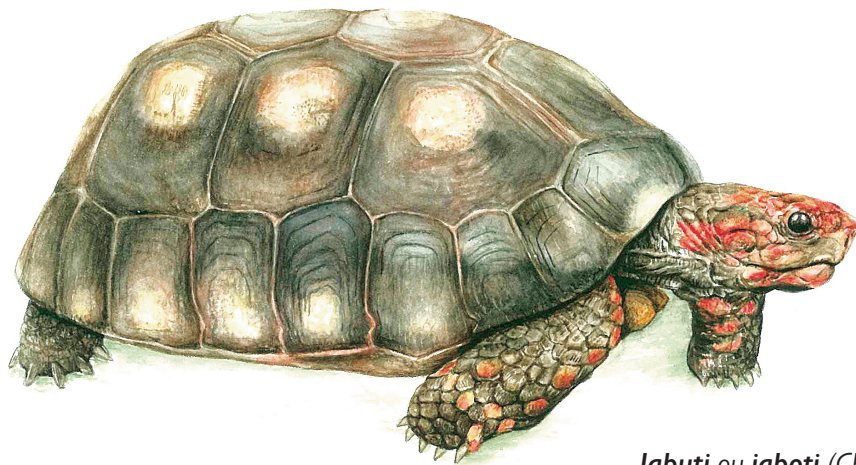


Lembram do jerivá? Não é só ele que tem bolinhas! Seguindo nosso passeio, encontramos outra árvore cheia de bolinhas! É a jabuticabeira.

O Menino Vespa vai logo perguntando:

– Vocês sabem o que quer dizer jabuticaba? Quer dizer “casa do jabuti” em tupi-guarani. Os jabutis são seres do Reino de Araucarilândia que adoram jabuticabas bem docinhas, assim como as gralhas gostam dos pinhões. Infelizmente, são muito caçados para serem vendidos como animais de estimação e para consumo de sua carne. É uma pena, porque o jabuti poderia chegar a ser um vovô de 80 anos!

A Menina Fada das Araucárias pensa com tristeza nos jabutis sendo caçados para virar sopa e lembra que precisamos conviver em paz com os animais silvestres e com sua cadeia alimentar.



Jabuti ou **jaboti** (*Chelonoidis carbonaria*) é uma espécie de réptil com carapaça, que é como um escudo que protege o animal. Tem pernas grossas e fortes. As três espécies existentes no Brasil são *Chelonoidis carbonaria* (jabuti-piranga, o mais comum), *Chelonoidis denticulata* (jabuti-itinga) e *Chelonoidis chilensis* (jabuti argentino), sendo a última uma espécie rara. A fêmea é chamada jabota.





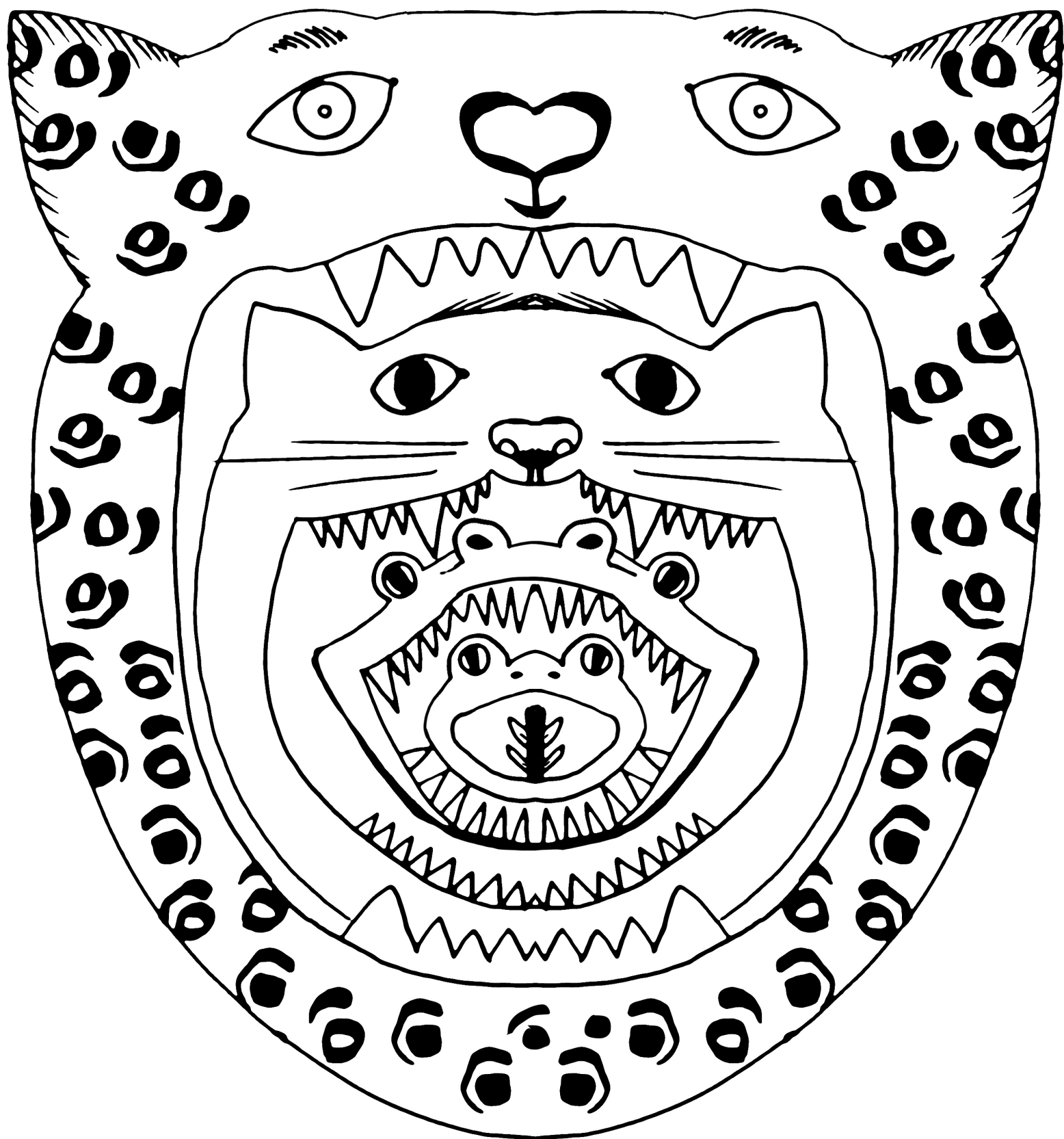
Cadeia alimentar? Antes que você pergunte o que é isso, a Menina Fada explica logo:

– Como nós, todos os animais precisam se alimentar, mas na natureza não tem supermercado, então a fonte de alimentação da maioria dos seres vivos é outro ser vivo. Alguns comem plantas, mas a maior parte come outro animal. O equilíbrio funciona assim: um gafanhoto pode ser o almoço de um passarinho que vira o jantar do filhote do gato, que pode ser o café da manhã do lobo-guará... É o ciclo da vida!

O Menino Vespa completa:

– Vocês sabem quem não costuma comer outros animais? As plantas! A maioria delas produz seu próprio alimento, utilizando os nutrientes do solo e a energia solar.

O jabuti, por exemplo, come insetos e lesmas, mas foge da raposa, sua predadora natural. E a raposa foge do gato-do-mato, que é o jantar de outros felinos maiores, como a onça. E assim segue a cadeia alimentar.



Já percorremos a Praça 29 de Março, e outra praça chama atenção: é a Tiradentes, onde fica a Catedral de Curitiba.

Lá podemos observar muitos ipês, uma árvore enorme quando está na flor. Sua flor amarela é a flor símbolo do Brasil. Os ipês ficam lindos no período de floração que, em Curitiba, começa em agosto. A Menina Fada das Araucárias conta que quanto mais frio e seco é o inverno, mais floridos eles ficam.

Falando em flor, vamos conhecer a flor símbolo de Curitiba? É o manacá, um arbusto muito bonito, cheio de flores roxas. A quaresmeira também tem flores da mesma cor do manacá e recebeu esse nome porque, geralmente, floresce entre janeiro e abril, período da quaresma. É uma árvore da Mata Atlântica que se desenvolve rapidamente se tiver espaço e luz.



O **ipê-amarelo** (*Tabebuia vellosi*) é uma árvore que chega a medir entre 15 e 25 metros de altura. Seu tronco tem o diâmetro em torno de 40 a 70 centímetros. A espécie é nativa do Brasil centro-oriental, sendo típica da Mata Atlântica.

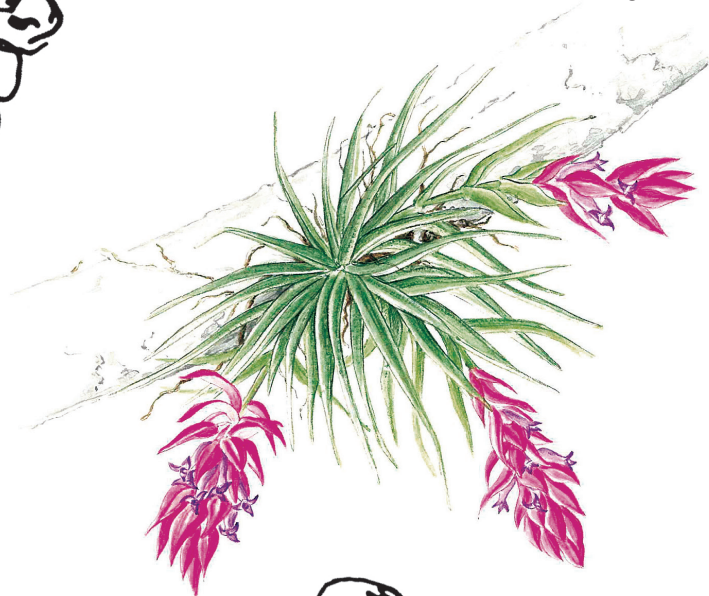






O **manacá-de-jardim** (*Brunfelsia uniflora*) é uma árvore da família Solanaceae com origem na Mata Atlântica. Em Curitiba, está presente no urbanismo, sendo encontrada por toda cidade. Suas flores, que costumam aparecer entre setembro e março, são o que mais chama a atenção: nascem lilases e tornam-se brancas com o tempo.

E flor é o que não falta em Araucarilândia! As orquídeas, por exemplo, fazem parte de uma das maiores famílias de plantas existentes! Têm formas, cores e tamanhos variados e existem em todos os continentes com áreas tropicais e até mesmo em áreas temperadas. As orquídeas têm admiradores no mundo inteiro. Os animais da floresta, o Menino Vespa e a Menina Fada das Araucárias adoram apreciar suas flores na natureza.



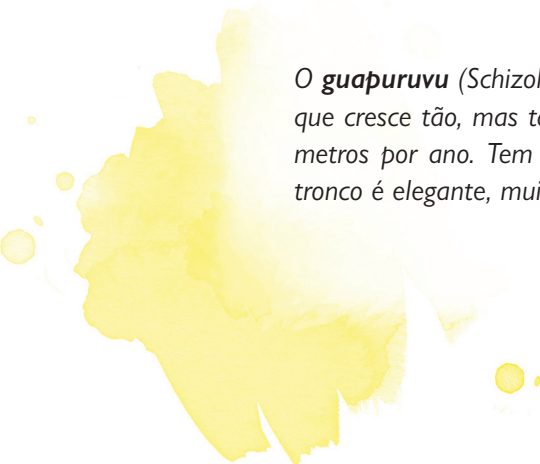
Orquídeas são todas as plantas que compõem a família Orchidaceae. E elas são muitas: cerca de 50 mil espécies entre as encontradas na natureza e as que foram geradas em laboratório! A maioria das orquídeas cresce junto às árvores. Mas não são plantas parasitas e sim inquilinas (epífitas).

Segurem firme seus óculos e vamos para a próxima parada: Praça Santos Andrade, ao lado do Teatro Guaíra. Lá podemos ver o frondoso guapuruvu. Ele é gigante! Pode ter de 20 a 30 metros de altura e chega a ter um metro de diâmetro. Floresce durante os meses de outubro, novembro e dezembro, e suas flores são grandes, vistosas e amarelas. Antigamente, os grandes troncos dessa árvore eram usados para fazer canoas de “um pau só” – muito usadas por pescadores do litoral.

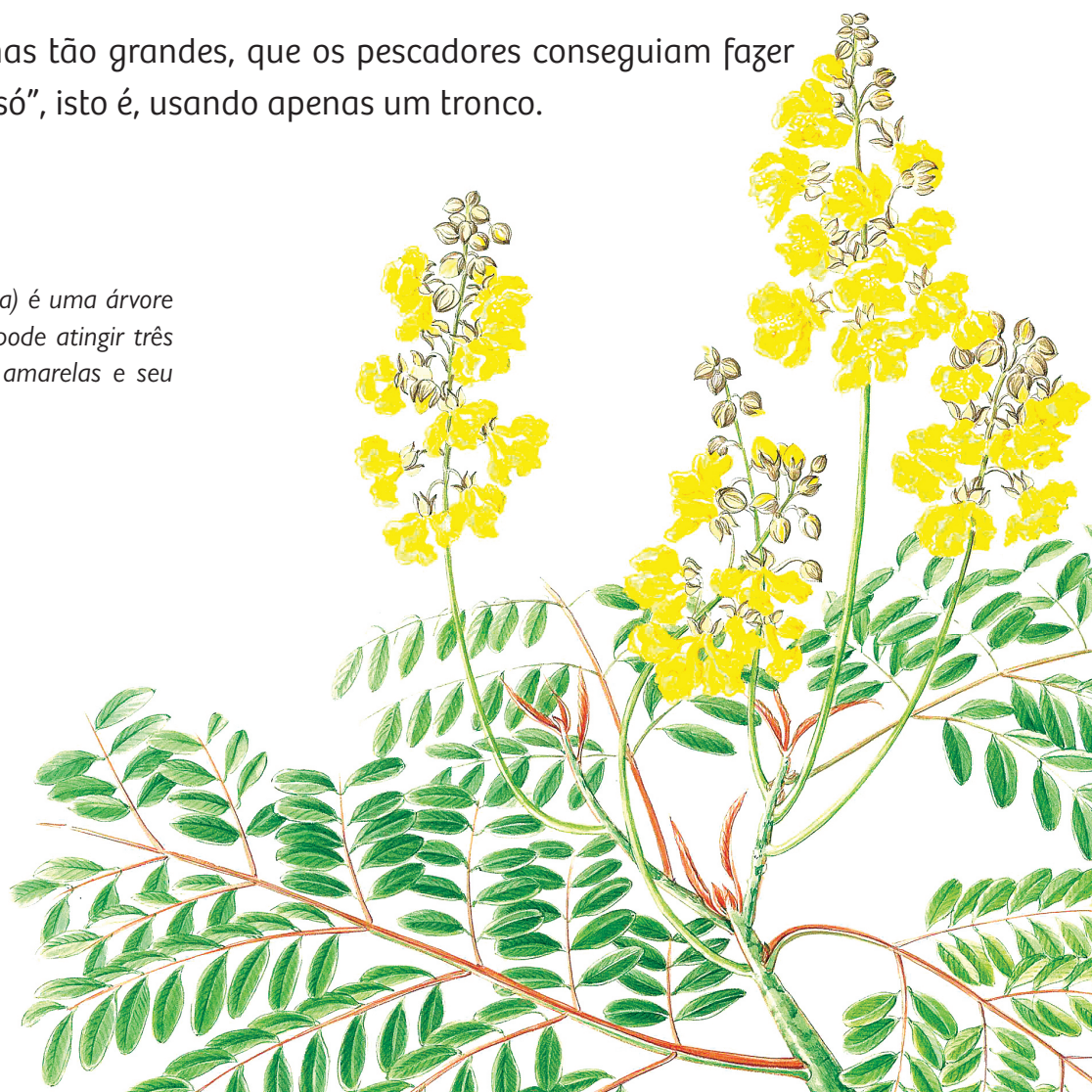
– Como assim? – pergunta a Menina Fada?

O Menino Vespa responde:

Os troncos eram tão, mas tão grandes, que os pescadores conseguiam fazer uma canoa com “um pau só”, isto é, usando apenas um tronco.



O **guapuruvu** (*Schizolobium parahyba*) é uma árvore que cresce tão, mas tão rápido que pode atingir três metros por ano. Tem grandes flores amarelas e seu tronco é elegante, muito reto e alto.



– Nosso passeio continua! Chegamos ao museu Oscar Niemeyer, também conhecido como Museu do Olho – diz o Menino Vespa.

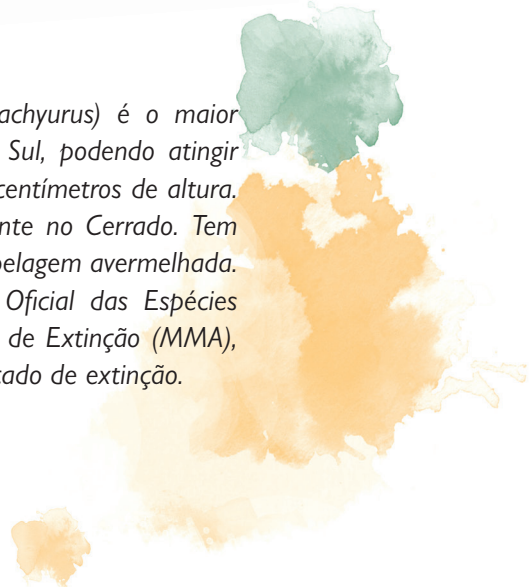
Perto dele fica o Bosque do Papa, uma das pequenas florestas de Curitiba com muitas árvores como as que acabamos de conhecer. A maioria dos animais silvestres mora hoje em parques que também são chamados de unidades de conservação. Temos diversos deles em Araucarilândia. Vale a pena conhecer cada um.



Agora vamos dar um giro fora da cidade até um capão, para conhecer o lobo-guará – do tupi-guarani agoa'rá, “pelo de penugem”. Ele gosta de morar perto de áreas abertas próximo às florestas de pinheiros. A Fada das Auracárias percebeu que precisamos cuidar não só das florestas, mas também do que sobrou de nossos campos naturais, pois lá vivem muitos bichos, como o lobo-guará e sua família.



O **lobo-guará** (*Chrysocyon brachyurus*) é o maior canídeo nativo da América do Sul, podendo atingir entre 20 e 30 quilos e até 90 centímetros de altura. No Brasil, aparece principalmente no Cerrado. Tem pernas longas e finas, além de pelagem avermelhada. Infelizmente, segundo a Lista Oficial das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção (MMA), o lobo-guará encontra-se ameaçado de extinção.





Conseguem ouvir o canto? De quem será? É o corocochó, que tem esse nome por causa do seu canto. Ele mede cerca de 23,5 centímetros de comprimento com cabeça, pescoço e peito pretos.

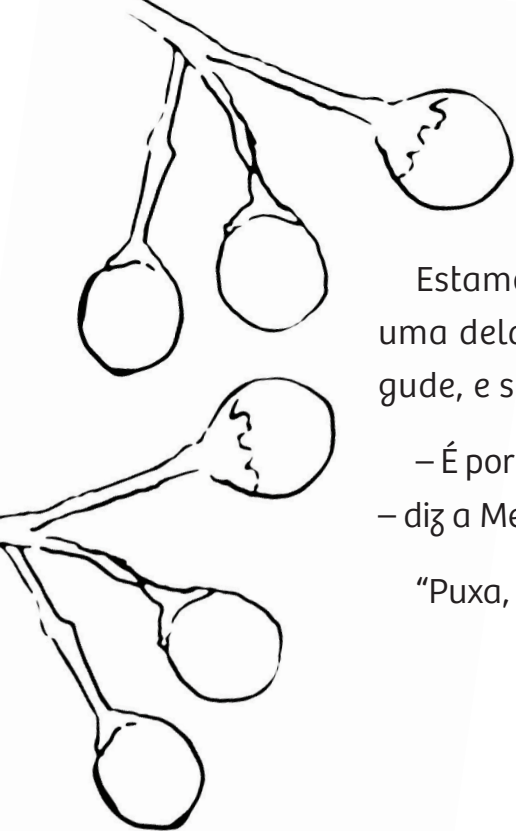
A Menina Fada das Araucárias e o Menino Vespa seguem o caminho imitando o canto do corocochó, até toparem com um dos gigantes da floresta de Araucariândia.

– Veja, Fada! Um dos gigantes é a imbuia! Adoro essa árvore!



O **corocochó** (*Carpornis cucullata*) recebeu esse nome pelo seu canto, “corocochó”, que é emitido em longos intervalos. É uma espécie bastante frequente em algumas regiões montanhosas, como na Serra do Mar do Paraná.





Estamos no Capão da Imbuia onde ainda podemos ver algumas. Dizem que uma delas tem quase mil anos! Seus frutos são do tamanho de uma bola de gude, e sua madeira é ótima para fazer móveis.

– É por isso que temos poucas imbuias na floresta. Quase todas foram cortadas...
– diz a Menina Fada.

“Puxa, mas a floresta não tem sossego!”, pensa o Menino Vespa.

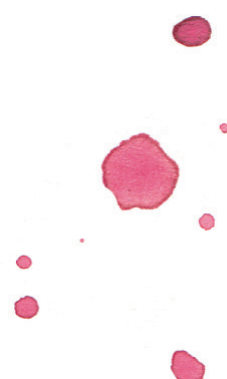


Imbuia (*Ocotea porosa*) é uma frondosa árvore, típica das florestas de araucárias (ombrófilas mistas). A imbuia tem flores e folhas pequenas, tronco grosso e curto. A madeira da imbuia foi muito explorada e hoje, infelizmente, integra a Lista Oficial das Espécies da Flora Brasileira Ameaçadas de Extinção, do Ministério do Meio Ambiente.

Uma grande amiga do pinheiro e da imbuia é a erva-mate. Ela é muito conhecida de todos nós, pois suas folhas, quando secas, são usadas para fazer chimarrão. Quem já tomou um chimarrão bem quentinho?



A **erva-mate** (*Ilex paraguariensis*) é originária da região subtropical da América do Sul e seu tronco pode atingir 12 metros de altura. Usada para fazer chá, chimarrão ou tereré, já era consumida por índios Guaranis antes mesmo de os colonizadores chegarem às nossas terras. A exploração da erva-mate é parte importante da história do Reino de Araucariândia.



– Olha que pássaro lindo! – diz o Menino.

É o alma-de-gato. Tem plumagem colorida, bico amarelo e íris vermelha. Dizem que ele tem esse nome porque pula de galho em galho sem fazer barulho, como um gato. Ele come insetos, principalmente lagartas.

– Ah! Essa é a cadeia alimentar do alma-de-gato! – diz o Menino Vespa!

– Isso mesmo! – concorda a Menina Fada.



O **alma-de-gato** (*Piaya cayana*) é uma ave que tem canto e comportamento misteriosos, como os gatos. Lendas reverenciam suas características sorrateiras. Encontrado em todo o Brasil, tem uma cauda longa que o torna inconfundível. Alimenta-se de insetos e lagartas – até mesmo lagartas com espinhos! Também consome frutinhas, ovos de outras aves, lagartixas e pererecas.

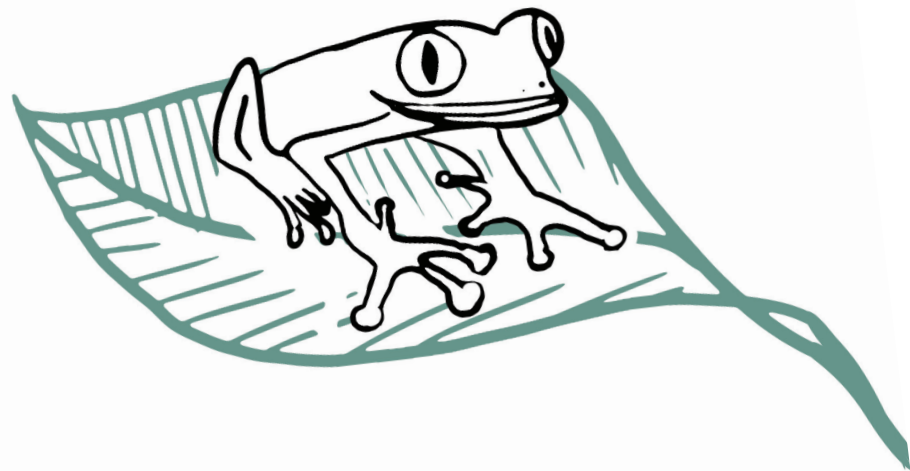
Saindo do Capão, ao chegar perto de um rio, o Menino Vespa avistou um pequeno animal e exclamou:

– Olha, um sapo!

– Acho que é uma perereca – respondeu a Menina Fada.

– Mas qual a diferença entre um sapo e uma perereca? – perguntou o Menino.

Vamos descobrir!



Os **anuros**, da ordem Anura, pertencem à classe Amphibia (Amphi=dupla, bio=vida), que inclui sapos, rãs e pererecas. O seu nome vem do grego, significando sem cauda (an-, sem + oura, cauda).

A maioria dos anuros são caracterizados por longas patas posteriores, corpo curto, membranas nos dedos das mãos ou dos pés e olhos protuberantes.

A maior parte tem um estilo de vida semiaquático, mas move-se facilmente em terra saltando ou escalandando. Tipicamente, depositam os seus ovos em poças de água, charcos ou lagos, e as suas larvas, chamadas de girinos, têm guelras e desenvolvem-se na água.



Os meninos ficaram sabendo, então, que sapos e pererecas são anfíbios – animais que nascem na água e depois vivem na terra. As pererecas são menorzinhas e costumam viver nos galhos das árvores. Já os sapos gostam mesmo da terra firme.

– E pulam de um jeito desengonçado! – ri a Menina Fada.

Na próxima parada vamos conhecer o principal rio do reino, o Iguaçu, que nasce em Curitiba e deságua em Foz do Iguaçu.

– As águas são parte da natureza! – lembra o Menino Vespa.

– Sim, e elas precisam estar limpas para que os seres vivos como o sapo e a perereca, habitantes das áreas úmidas, possam viver muito – responde a Menina Fada.

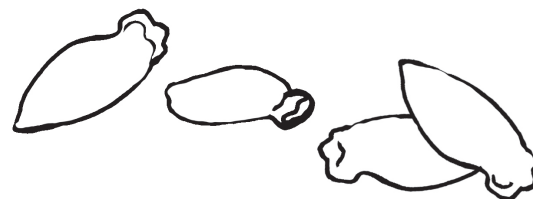


Estamos bem perto do rio e neste ponto da viagem vamos conhecer outro habitante de quatro patas, o amigo quati ou coati (em tupi-guarani quer dizer “nariz pontudo”). É um mamífero que tem rabo listrado e patas que lembram as dos ursos, úteis para escalar árvores. É um animal simpático e brincalhão.

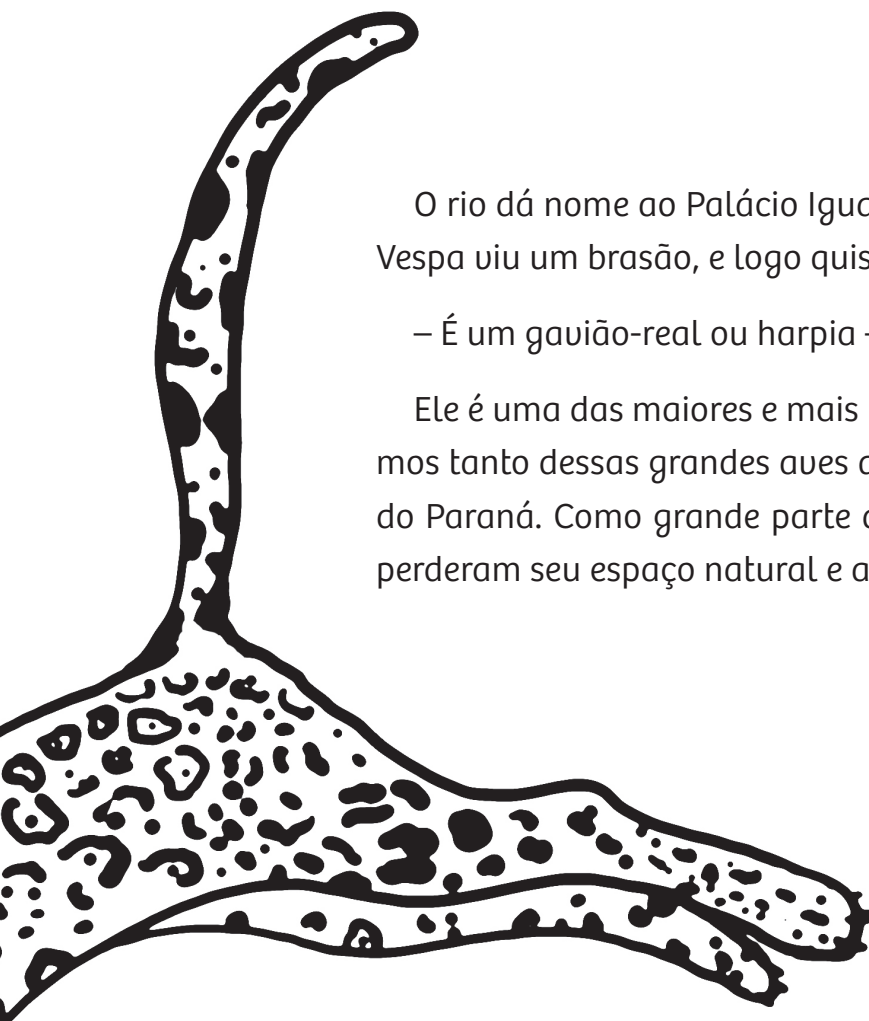
– Ele também é fã dos pinhões! – diz o Menino enquanto brinca com um quati.



O **quati** é um mamífero do gênero *Nasua* (derivado do latim *nasus*=nariz) e possui três espécies: *Nasua nasua*, *Nasua narica* e *Nasua nelsoni*. O nome quati vem do tupi *akwa'tim*, que significa *nariz pontudo*. Pode-se dizer que esse gênero compreende animais “narigudos”. Ele vive em grupos que podem ter de quatro a 20 indivíduos.







O rio dá nome ao Palácio Iguaçu, a sede do Governo do Paraná. Lá, o Menino Vespa viu um brasão, e logo quis saber qual é a ave estampada ali.

– É um gavião-real ou harpia – disse a Menina Fada!

Ele é uma das maiores e mais pesadas águias do mundo. Antigamente, tínhamos tanto dessas grandes aves que colocamos uma no brasão oficial do Estado do Paraná. Como grande parte da floresta foi derrubada, as águias e as onças perderam seu espaço natural e aos poucos foram sumindo.



O **gavião-real** (*Harpia harpyja*), embora não seja a maior das aves predadoras do planeta, é tido como a mais forte. Seu bico é potente e suas garras são maiores que as de alguns ursos. Mede entre 90 e 105 centímetros de comprimento e pode ter de uma ponta a outra de sua asa (envergadura) mais de 2 metros. É uma espécie que se encontra em perigo de extinção em diversas regiões do Brasil.



Em todo o território de Araucarilândia, os grandes animais, como a harpia e a onça, são difíceis de encontrar, sobrevivendo apenas em grandes matas preservadas ou locais de difícil acesso. É assim também para os gatos selvagens menores, como a jaguatirica.



E quem mais vive na Floresta?

– O papagaio-do-peito-roxo! – diz o Menino Vespa.

Ele adora sobrevoar a floresta, comer frutas, sementes e coquinhos bem maduros. Durante muitos anos, ele foi caçado: as pessoas pegavam os seus filhotes para vender e fizeram tanto essa malvadeza que eles quase desapareceram!

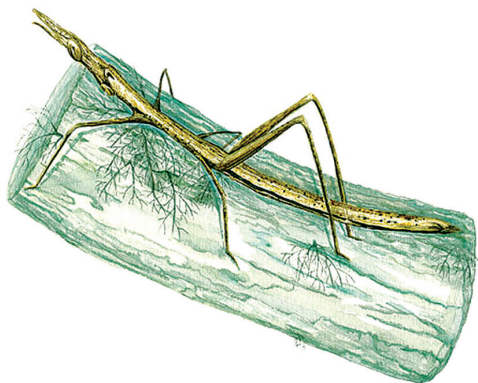
– Ainda bem que pessoas boas começaram a fazer grandes campanhas para salvar esse pássaro. Aos poucos, os papagaios-do-peito-roxo começaram a aumentar e hoje podem cuidar de sua família sem medo – conta a Menina Fada das Araucárias.



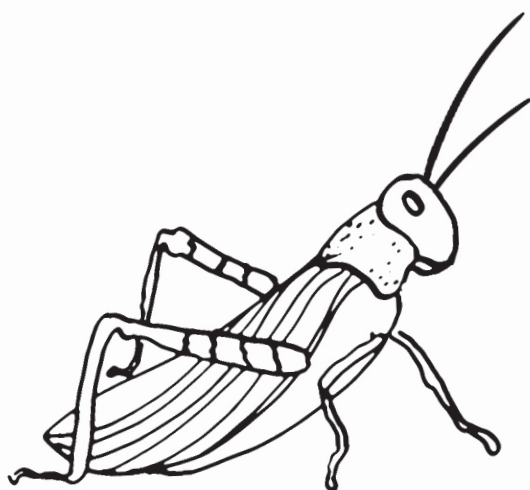
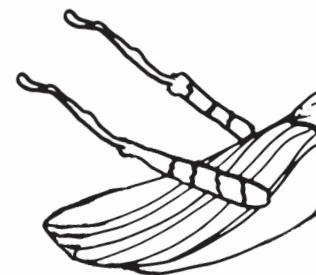
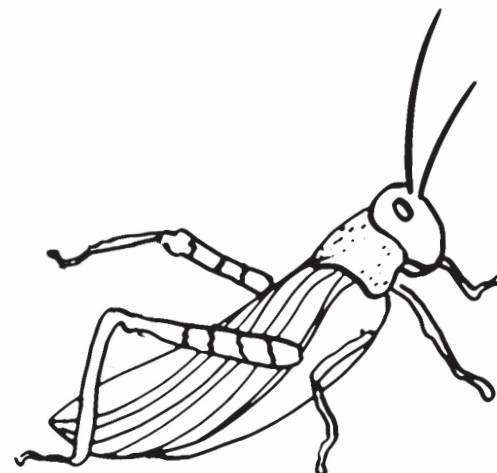
O **papagaio-do-peito-roxo** (*Amazona vinacea*) tem plumagem geral verde e penas em tons de roxo no peito. É uma espécie endêmica da Mata Atlântica, ou seja, só existe neste bioma, ocorrendo principalmente no Sul e no Sudeste do Brasil, além do Paraguai e da Argentina. No Reino de Araucarilândia, sua alimentação preferida é o pinhão da araucária. A espécie está ameaçada de extinção.



O sol está se pondo. Nós já vimos árvores, flores, mamíferos, aves e anfíbios, mas, se olharmos bem de perto com nossos óculos mágicos, veremos milhares de seres bem pequeninos: são os insetos! Vamos procurar alguns antes que anoiteça!

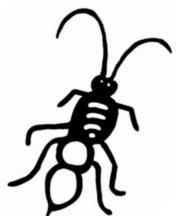


Os insetos da Ordem Phasmatodea são conhecidos popularmente como **bicho-pau**, e seu nome tem relação com a sua grande capacidade de se camuflar no ambiente (Phasmatodea vem do grego phasma-fantasma, aparição). Alimentam-se de folhas, brotos, flores, frutas e seiva. Muitas espécies, quando adultas, possuem asas.



Joaninha é um dos nomes populares dos insetos coleópteros, que também contam com os besouros. Em comum, esses pequenos animais possuem uma carapaça que cobre seus corpos semiesféricos. Com cabeça pequena e seis patas muito curtas, possuem asas muito desenvolvidas. Esses insetos vivem, normalmente, até seis meses.





Alguns dos insetos habitantes de Araucarilândia são a joaninha, o grilo e o bicho-pau.

– Eu conheço a joaninha – diz logo a Fada das Araucárias – é aquela belezinha vermelha e preta!

– Essa é uma delas – diz o Menino Vespa.

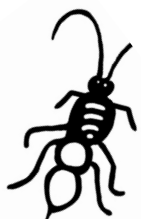


Existem mais de 4.500 espécies de joaninhas espalhadas pelo mundo inteiro. Elas se alimentam de outros insetos e, assim, protegem as plantas. Os agricultores sabem que as joaninhas são amigas, afinal, elas cuidam da lavoura!

– Ah! Então as joaninhas também são defensoras da natureza – diz a Menina.

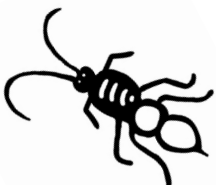
– E o bicho-pau? Por que ele tem esse nome? – perguntou o Menino Vespa.

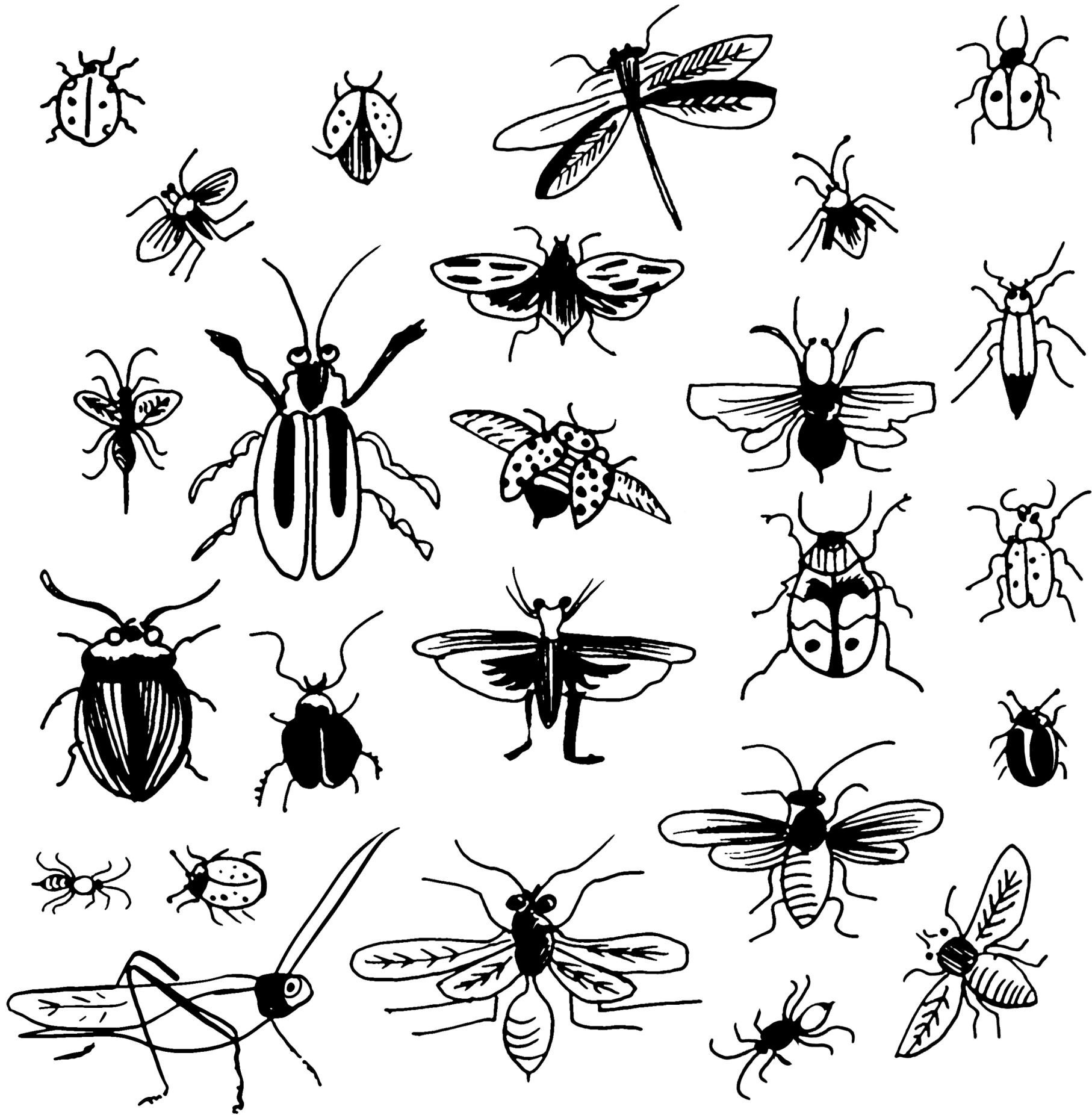
O bicho-pau é um inseto herbívoro, totalmente inofensivo. Nas cidades, pode ser encontrado em goiabeiras e em outras árvores frutíferas. Parece um galho de árvore, anda devagar e se balançando, um ótimo disfarce contra predadores.



– Ele parece mesmo com um pedacinho de pau – diz a Menina. Ele...

Antes de terminar a frase, os dois ouviram um cri-cri. É o grilo! Será que esse grilo é falante? Existem cerca de 900 espécies ao redor do mundo. Eles não falam, mas todo grilo macho emite sons que servem para atrair as fêmeas. Quando a quantidade de grilos diminui ou desaparece de um determinado local, é sinal de algum desequilíbrio ecológico.





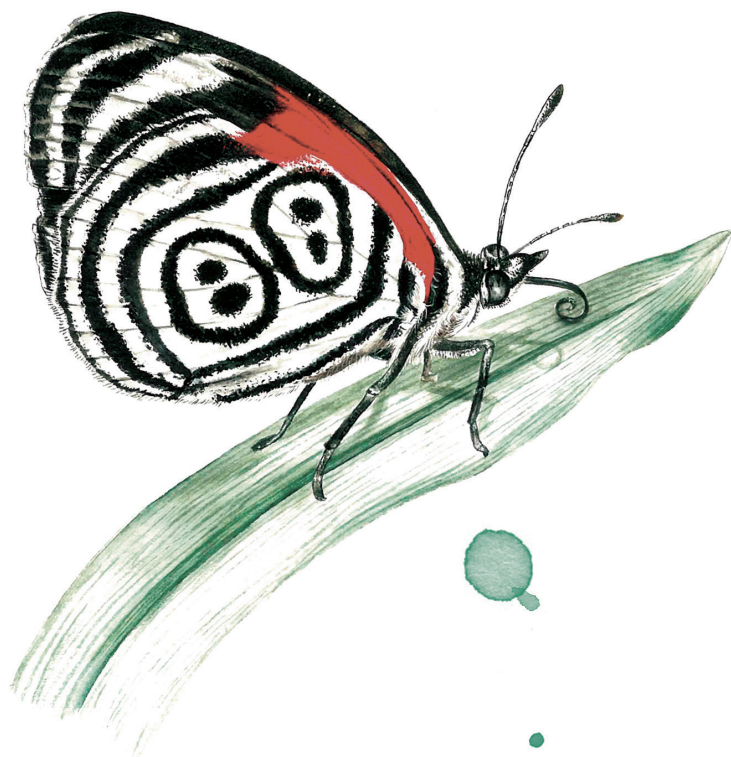
Está anoitecendo e nosso passeio está chegando ao fim. Nesse momento, as sábias corujas estão acordando, pois elas são aves de hábitos noturnos. Durante o dia, elas se abrigam em cavernas ou galhos de árvores, para se protegerem dos predadores.

– Olha, Menina Fada! Do lado das corujas tem uma borboletinha tão linda!

– É a borboleta 88, Menino Vespa. Ela tem esse nome porque o número parece impresso nas suas asas! Pena que está cada vez mais difícil encontrá-la na natureza, porque seu habitat está cada vez menor.

– É uma rede da vida! – diz o Menino Vespa.

– Isso mesmo – concorda a Menina Fada. – Ou seja, se a floresta acaba, os animais sofrem. Por isso é importante conhecer a mata, a floresta e seus seres.



Conhecida como **borboleta 88**, a *Diaethria clymena* pode ser encontrada no Cerrado e onde a Mata Atlântica ainda possui ambiente preservado. Mas é cada vez mais raro encontrar a espécie, devido à destruição do seu habitat.

As **corujas** são aves da Ordem Estrigiforme. Possuem hábitos notívagos, voo silencioso e culturalmente estão relacionadas à sabedoria. Alimentam-se de pequenos mamíferos, roedores e morcegos, além de insetos e aranhas. Com grandes olhos, não conseguem mexer os seus globos oculares. Para olhar para o lado, giram a cabeça e o pescoço, até 270° para os lados e 180° para cima e para baixo.



Vamos para a última parada, o Parque Barigui! Recebeu esse nome por causa do rio Barigui, um afluente do rio Iguaçu, que foi represado para formar o grande lago do parque. Está entre os maiores parques da cidade, e também é um dos mais antigos. Muitas espécies de animais vivem livres por lá, convivendo em harmonia com a comunidade.

Um deles é a curicaca, uma ave bem grande que chega a 50 centímetros quando adulta. Ela gosta de planar alto e de pousar nos galhos do pinheiro. Agora, a curicaca está indo dormir, porque ela acorda bem cedo, e para saudar o dia ela canta tão alto e estridente que acorda todo mundo que está por perto.



A **curicaca** ou **curucaca** (*Theristicus caudatus*) é chamada popularmente assim, pois a palavra é semelhante ao seu canto. Com uma cor clara, asas largas e um longo bico, comem de centopeias a caramujos, passando por pequenas serpentes e até mesmo outras aves. Sua cor é cinzento claro, com um leve brilho esverdeado.

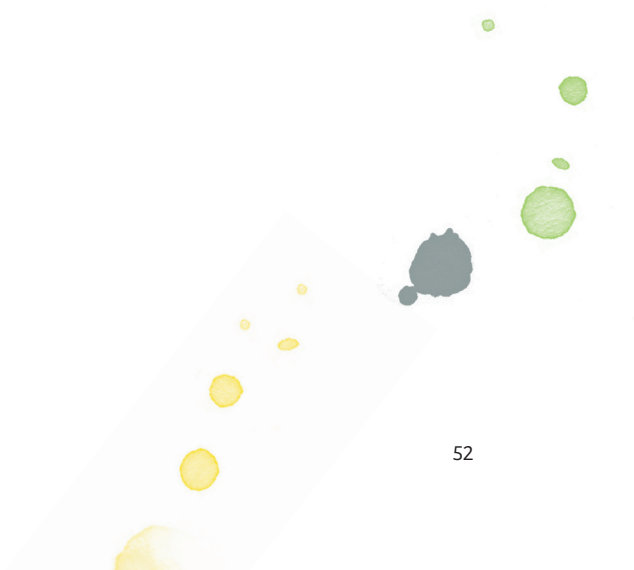


– Menino Vespa, andamos um montão hoje! Do Hospital Pequeno Príncipe aos campos ao redor da cidade, passando por muitas praças e parques! Está me dando um sono...

– Sim, em mim também, Menina Fada. É hora de voltar para a mata!

Bocejando, a dupla de defensores da natureza relembra suas aventuras, enquanto voa para casa.

Depois de tudo que aprendemos nesse passeio, também nos tornamos verdadeiros guardiões da natureza. É hora de guardar nossos óculos com cuidado e manter os olhos bem abertos para cuidarmos sempre das flores, árvores e dos animais do belo Reino de Araucarilândia.







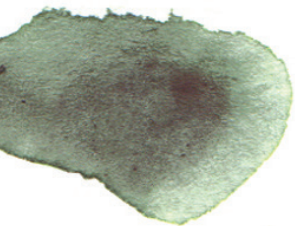
SOBRE O AUTOR

José Álvaro da Silva Carneiro

Curitibano, nascido em 1949, é pai e avô, ativista e gestor. Autodidata, direcionou sua carreira para questões ambientais e ligadas ao terceiro setor, tendo participado da fundação da Associação Pró-Jureia, da Liga Ambiental e da SOS Mata Atlântica. Representou as ONGs da região Sul do Brasil no Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), entre os anos de 2000 e 2002. Respondeu pela Secretaria Executiva do Conselho do Litoral do Estado do Paraná entre 2003 e 2005. No Governo Federal, entre 2008-2010, foi Superintendente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA, no Paraná.

Em 1999, começa a fazer parte do Conselho da Mantenedora do Hospital Pequeno Príncipe (maior complexo hospitalar pediátrico do Brasil). Desde então se relaciona de perto com as crianças e adolescentes que passam pela instituição, fazendo parte de suas vidas e sonhos. Seu mergulho nessas histórias foi fundamental para que liderasse a implantação do Instituto de Pesquisa Pelé Pequeno Príncipe (entre 2005 e 2008), entre outras ações a favor da infância e da juventude. A partir de 2011, passou a exercer as funções de Diretor Geral Corporativo do Complexo Pequeno Príncipe e Secretário Geral de sua mantenedora, impulsionando ainda mais o seu contato com a realidade hospitalar, sem deixar de lado o entendimento de que os aspectos lúdicos são essenciais para a construção de um mundo melhor.

Livros publicados: “Nepal - Fascínio e Agonia” (2002), “Um Hospital de Crianças” (1ª ed. 2005, 2ª ed. 2012), “Bosques de Curitiba” (2014), “Nascentes, Corredeiras e Cachoeiras do Alto Iguaçu” (2016). Prefaciou as obras: “As Joias do Rei Pelé” (2013), “Pratos do Brasil” (2013) e “Araucariândia” (2014).



AGRADECIMENTOS

Desde pequeno adoro viajar e também gosto de “estar onde estou”. Conhecer todas as cores, cheiros e texturas do ambiente que me rodeia, percorrer os caminhos que se abrem à minha frente e imaginar outros tantos possíveis. Tudo com o radar ligado em intensidade máxima.

Por ter nascido nas terras do Reino da Araucarilândia, trago seus traços em minha mente e coração. Por ter herdado o gosto pelo conhecimento das coisas, quis compartilhar meu fascínio por esses domínios com outras pessoas. Por carregar dentro de mim um jeito alegre e infante de ver o mundo, preferi contar essa história como se fosse uma criança.

Para realizar este trabalho, contei com gente que gosta de se aventurar também pelo universo das coisas fantásticas e que, junto comigo, deu as mãos ao Menino Vespa e à Fada das Araucárias, nossos guias. E foi assim, de almas e mãos dadas, que fizemos este livro florescer e que, agora, o oferecemos como fruto. A esperança é de que ele ajude a preservar o pouquíssimo que sobrou de nossa floresta de araucárias, ainda tão ameaçada.

Agradeço a cada criança que cruzou meu caminho pela vida afora e que me fez continuar a enxergar as coisas de forma lúdica, mesmo depois de crescido. Aos meus filhos e netos também, pois eles me ajudaram a apurar o gosto pela contação de histórias temperadas pelas fantasias a que crianças se permitem com tanta facilidade.

A cada um dos ilustradores que transformaram realidade, sonho e texto em imagem, deixo um agradecimento especial: Ademir Paixão, Carla Irusta, Diana Carneiro, Eduardo Brettas, Fátima Zagonel e Isaurina Maria Valério (Sarika).

Fica também o agradecimento a Ana Carolina Baggio e a Ravena Dias Melo pelos olhares fundamentais que orientaram a inserção das informações técnico-científicas. Quero lembrar da Teresa Urban e do Roberto Ribas Lange, minhas inspirações para os personagens principais deste livro. Com eles, aprendi que um ambientalista deve se portar como uma vespa: bem pequenina, circula por tudo (com ou sem zumbido) e, ao ser percebida, causa alvoroço, deixando muita gente grande com medo – daí o nome vespa. Aprendi também que um ambientalista deve manter o amor incondicional à natureza, além da garra e da criatividade necessárias para articular continuamente sua proteção – por isso, fada. Mencionando dois amigos que já se foram, rendo homenagens a todos os que deram prosseguimento à luta pela conservação da natureza do Paraná, com destaque para Clóvis Borges e à equipe da SPVS. Todos são uma fonte de inspiração.

Agradeço ainda a todos os meus colegas de trabalho no Complexo Pequeno Príncipe, principalmente à equipe de Projetos Culturais, do Educ e de Novos Projetos. A compreensão e o apoio de todos e de cada um é que me permite continuar sonhando e realizando “coisas de criança”.

José Álvaro da Silva Carneiro





Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais

INSTITUIÇÃO BENEFICIADA



PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO

Coisas da Vida Arte e Cultura

MINISTÉRIO DA
CULTURA



NO REINO DE ARAUCARILÂNDIA



Texto

José Álvaro Carneiro

Projeto gráfico

Carla Irusta

Ilustrações científicas

Diana Carneiro

Eduardo Brettas

Fátima Zagonel

Isaurina Maria Valério (Sarika)

Coordenação editorial

Carla Irusta

Revisão reimpressão

Toda Letra | Ana Paula Mira

Produção

CGC-CSA

Isadora Hofstaetter

Jucileia Lopes

Luciana Patricia de Moraes

Shana Lima

Tania Campos



Este livro foi impresso na primavera de 2025,
na gráfica Papel Ouro, em Curitiba.
Foi composto nas tipografias Bree e Gill Sans.
O papel do miolo é o pólen 90g e o da capa é o
duo design. Tiragem de 3.000 exemplares

